

Ermida de S. Braz em Evora

No ultimo quartel do seculo XV, reinando D. João II, foi accommettida a cidade de Evora por uma horrivel peste, que andava devastando o reino. No meio dos rigores do flagello, o povo, buscando na religião consolação e conforto, affluia aos templos, recorrendo á intercessão da Virgem e dos santos para que Deus livrasse a cidade e o reino de tão cruel açoite.

Entre os muitos votos que por essa occasião se dirigiram ao ceo, houve um feito a S. Braz, em que se lhe promettia levantar uma capella em sua honra, se o santo martyr alcançasse da misericordia divina o acabamento da epidemia. Não esperaram, porém, os fieis pelo bom despacho do seu requerimento para cumprirem a promessa. Ainda a peste ardia no seu maior furor, e já se lançavam os fundamentos de uma ermida dedicada a S. Braz no vasto rocio que se estende ao sul da cidade, de fóra da cêrca das muralhas. Corria então o anno de 1482, e porque os feridos do mal eram innumeraveis, construiu-se junto da ermida um hospital provisorio, de madeira, onde foram recolhidos muitos enfermos, e ahi tratados com singular desvelo e caridade.

No compromisso da irmandade, que se instituiu n'esta ermida, feito posteriormente á extincção da epidemia, lê-se a seguinte memoria d'este successo: «Por serviço e memoria do B. Bispo e martyr S. Braz, pela mercê e muitos milagres e mui signalados, e particularmente feitos a esta cidade, além dos que geralmente fez e faz, e fará em dar saude, e fazer levantar a pestilencia d'esta cidade, ao povo e moradores d'ella, e isto em tempo em que n'ella falleciam quarenta e cincoenta pessoas por dia, e, (louvores a nosso Senhor Deus) subitamente foi levantada, como a todo este reino)».

Assim que a ermida se concluiu celebrou-se n'ella uma apparatosa festa em acção de graças, e d'ahi em diante, todos os annos, em dia de S. Braz se fazia uma grande funcção, a que assistiam o cabido da sé, o senado da camara, e as principaes pessoas da cidade, concorrendo tambem d'esta e das povoações visinhas muito povo. Porém, com o tempo, que tudo acaba, esfriou-se pouco a pouco a devoção, de sorte que ao presente se acha muito reduzida aquella solemnidade. Já não existe a confraria, e a camara deixou de assistir á festa do santo; todavia ainda esta se faz por meio de esmolas dos fieis, e com a assistencia do cabido, que n'esse dia sae da sé para a ermida em procissão solemne, de cruz alçada.

O povo, costumado desde o berço, a ouvir contar os beneficios de que a cidade foi devedora a S. Braz, nunca deixou de concorrer ao templo para elevar ao ceo as suas orações de agradecimento. A gratidão é, e sempre foi planta que mais vigora e se enraiza no coração dos populares que no dos grandes da terra.

A ermida de S. Braz está edificada em um espaçosissimo terreiro, por todos os lados desassombrado, pois que a cidade de Evora, que o limita pelo norte, fica um pouco distante da capella. Posto que o terreno seja plano, descobrem-se d'ahi largos horisontes, em razão de não haver montanhas proximas que os encurtem, principalmente na direcção do sul, onde em dia claro se avista a cidade de Beja, sentada sobre uma collina a onze legoas, da antiga medida, da cidade de Evora.

Apresenta a ermida na sua fórma exterior um typo de architectura de que restam poucos specimens em o nosso paiz; circumstancia que faz sentir duplicadamente a falta de cuidado, diremos melhor, a imper-

doavel incuria que tem havido na conservação d'este monumento.

É a architectura meio religiosa meio guerreira, introduzida na peninsula pelos povos do norte que a senhorearam depois da destruição do imperio romano, e que d'est'arte edificavam simultaneamente templos em que invocassem o Senhor, e fortalezas onde se acolhessem facilmente, e d'onde se defendessem contra as revoltas dos opprimidos, ou contra quaesquer outros inimigos. Póde, talvez, chamar-se a esse genero de architectura — *normando-militar*. Aquelles povos, que, em quanto viveram nas proprias regiões, tinham amoldado a architectura bysantina, que lhe viera de Constantinopla, aos seus usos e costumes, ou para fallarmos com mais propriedade, ao seu estado de civilisação, que era atrazadissimo em tudo, e principalmente nas artes, logo que se tornaram conquistadores, passando a viver nos paizes conquistados, modificaram outra vez essa architectura obrigados pela necessidade da sua conservação em terra inimiga.

Os vencedores dos romanos disputaram por largo tempo uns aos outros o solo da peninsula, até que ao cabo de tres seculos de dominação foram a seu turno vencidos pelos moiros. Tambem estes não gozaram pacificamente por muitos annos do fructo da victoria. A historia do seu dominio é toda cheia de guerras, é uma lucta sem tregoas com os christãos.

Assim passou aquelle genero de construcção mixta dos godos para os moiros, e d'estes para os leonezes, castelhanos, e portuguezes. Em cada uma d'estas transições modificava-se de novo a architectura nas feições que propriamente a caracterisam, segundo o exigiam as praticas religiosas, e os costumes populares, e tambem conforme o impulso dado pelo progresso das artes. Porém o que sempre prevalecia n'essas transições era certa fórma e disposições militares, que adaptassem os edificios religiosos aos usos da guerra, ás necessidades da tactica defensiva. Não se entenda, porém, que era isto regra sem excepção. Em tempos como esses, em que as construcções eram pela maior parte mesquinhas, quer fossem publicas ou particulares, religiosas ou profanas, sómente os edificios de uma certa grandeza se podiam prestar a taes conveniencias.

Em abono das nossas asserções citaremos alguns poucos edificios, pois que são mui raros os que em Portugal tem resistido ás convulsões do solo, e á sanha e ignorancia dos reedificadores. O primeiro que nos vem á lembrança é a sé velha de Coimbra, fundada pelos godos, reedificada pela primeira vez reinando D. Sancho I, e pela segunda no seculo XVI. É verdade que se guarda no archivo da cathedral conimbricense um documento antigo, e que é contemporaneo, se não nos falha a memoria, d'aquelle soberano, documento que dá a essa obra as proporções de uma reconstrucção completa. Todavia não acreditâmos que fosse total, *à fundamentis*, mas sim parcial embora grande. A frontaria principal, e só esta, da sé velha de Coimbra é um perfeito specimen do estilo normando na peninsula, ao qual acima denominámos *normando-militar*. Nos principios do reinado de D. Affonso Henriques, não obstante achar-se já introduzido no paiz o estilo propriamente gothico, em que predomina a fórma ogival, ainda se construia segundo o gosto normando, e tambem se usou de um genero de architectura, que pela razão de participar dos dois estilos, como se os architectos se empenhassem em conciliar partidos oppostos, se ficou chamando *normando-gothico*, ou *gothico-normando*. É certo que ainda nos reinados seguintes se levantaram alguns templos n'este ultimo estilo. Porém nunca vimos vestigio algum, nem nos consta, nem cremos, que depois do longo reinado de D. Affonso Henriques se erigissem edificios segundo o gosto normando peninsular-puro.

Quem interpretar ao pé da letra, sem mais estudo, o que a respeito de obras de construcção se acha escripto nos documentos antigos, mesmo contemporaneos d'essas obras, ha de enganar-se muitas vezes; pois que é muito commum n'elles, seja por dar pouco valor á noticia, seja por engrandecer a empreza, chamar reconstrucção completa, e até ás vezes fundação, o que apenas foi reedificação parcial.

Estas razões, além de outras que terão cabimento em logar e occasião mais opportunas, levam-nos portanto a classificar o frontispicio da sé velha de Coimbra como monumento dos godos, para a historia da arte.

Mencionaremos em relação aos moiros o templo romano da cidade de Evora, vulgarmente conhecido pelo nome de *templo de Diana*, pois que aproveitando-o os agarenos para sua mesquita principal, logo que tomaram a cidade, apressaram-se a cingir-lhe as abobadas com ameias. E do mesmo modo, e para egual fim, accrescentaram, dando fórma de fortaleza, ao edificio, tambem romano, do convento juridico de Santarem, convertido depois em egreja com a invocação de S. João d'Alporão.

Relativamente áquelle typo architectonico da arte portugueza, mencionaremos a egreja de Leça do Balio [1], reconstrucção do seculo XIV. Apesar de já não haver n'essa epocha em Portugal moiros para combater, a ordem militar de Malta, a que pertencia, entendeu conveniente lançar o novo templo em moldes meio religiosos meio guerreiros. Era uma prevenção contra as invasões dos castelhanos, n'essa era amiudadas e atrevidas, se é que não foi uma homenagem de respeito pelo passado, suppondo, n'este caso, que o templo primitivo fosse acastellado, como é provavel, em attenção tanto ao uso geral, como á organisação e praticas d'aquella ordem de cavallaria, então denominada de S. João de Jerusalem.

Firmada a independencia de Portugal pela victoria de Aljubarrota, e de algum modo assegurado o respeito ás suas fronteiras pelas emprezas d'além-mar do cavalleiroso rei D. João I, tornou-se desnecessaria aquella mistura de architectura religiosa e guerreira. Então desassombrado o paiz dos oppressores que de vez em quando o affligiam, e exaltada a imaginação popular pelo poderoso estimulo da gloria, desenvolveram-se as artes, apurou-se o gosto, surgiu e elevou-se o genio, buscando inspirações na philosophia do christianismo, e na poesia da natureza.

D'est'arte se inaugurou em a nossa terra aquelle estilo de architectura, a que se deu o nome de *gothico puro*. N'este estilo vieram casar-se, na mais perfeita harmonia, a severidade das linhas com a elegancia e nobreza das fórmas, e a magestade da singeleza com a opulencia de ornamentos brincados e graciosos. Deveu a arte, entre nós, a resolução d'este difficil problema, a ser contida em seus vôos a invenção imaginosa dos artistas pela rigidez de costumes, e simplicidade de habitos, que então constituiam as feições predominantes do caracter portuguez.

Porém, á maneira que os nossos descobrimentos e conquistas nos traziam maior trato com os estranhos, e a par de novos conhecimentos novas necessidades, foram-se modificando os habitos e costumes dos portuguezes. E essa modificação pouco a pouco se estampou nas artes, sobre tudo na architectura. E quando a Asia, curvando-se ante o throno glorioso del-rei D. Manuel, principiou a vasar o seu oiro e pedraria nos cofres de Portugal, trocou-se em brandura aquella rigidez de costumes; converteu-se em galanteria aquella simplicidade de habitos; e só a coragem e valor prevaleceram contra a molleza, filha do luxo, porque a victoria, conservando-se fiel ás nossas bandeiras, con-

[1] Vid. pag. 257 do vol. IV.

tinuou a doirar os horisontes da patria, e inflammar os peitos portuguezes com os brilhantes raios da gloria militar.

Em meio d'esta transição na vida social, completaram os artistas na architectura a transição do gothico puro para o florido. A sua imaginação meridional, estimulada, de um lado pelo vivo reflexo das nossas armas triumphantes na Africa, na Asia e na America, e do outro pela liberalidade do *rei afortunado*, voou sem peas pelos espaços infinitos da poesia, e traduziu no marmore as inspirações do seu enthusiasmo, os devaneios do seu espirito exaltado.

D'este modo foi creado o estilo *gothico florido*, tambem chamado *manuelino* por nascer e morrer, por assim dizer, no reinado que viu a realisação de tantas venturas e de tamanhas glorias. Serve de typo a esse estilo, verdadeira degeneração da arte gothica, alliança caprichosa de todos os estilos de architectura, o rico e formoso mosteiro de Santa Maria de Belem.

Reconhecerão os nossos leitores por este quadro abbreviado, que nas artes, e principalmente na architectura, se retratam bem ao natural as crenças e aspirações, a indole e caracter, os habitos e costumes, em fim, a vida social dos povos; constituindo, portanto, os monumentos a historia exacta de cada nação, mais verdadeira do que a que se escreve nos livros, pois que n'estes é a verdade muitas vezes encoberta ou desfigurada pelas paixões do historiador, em quanto que no marmore desenhou o cinzel as feições exactissimas da sociedade, julgando apenas esculpir simples lavores para ornamento de um edificio.

Todavia, em quanto se operava aquella transição, apresenta-se um caso que parece, se não destruir, pelo menos tirar força ás nossas asserções. No meio d'essas tendencias da arte para se libertar das regras severas, e assumir fórmas phantasiosas, mas ligeiras, engraçadas e ridentes, apparece de novo a architectura militar, pesada e massiça, a alliar-se nos templos com o estilo gothico. A *ermida de S. Braz em Evora*, que deu assumpto para a nossa gravura, e motivo a estas observações, offerece um d'estes exemplos, e ainda mais alguns poderiamos citar.

Entretanto, logo que se souber que taes edificios foram levantados em tempo del-rei D. João II, fica obvia a explicação, e esta em perfeitissimo accordo com os principios que temos enunciado. O reinado d'este soberano passou-se quasi todo nos trances de uma lucta gigantesca e porfiosa entre o poder real e o feudalismo. O principio da lucta viu correr sobre um cadafalso, levantado na praça de Evora, o sangue de D. Fernando II, 3.º duque de Bragança; e o fim d'ella foi sellado com a morte violenta de outro principe, D. Diogo, duque de Vizeu, irmão da rainha D. Leonor, assassinado em Setubal pelas proprias mãos de seu cunhado e primo, el-rei D. João II.

A ermida de S. Braz, começada depois de rebentar a tempestade, e concluida dentro d'essa quadra terrivel, mostra em si as feições ao vivo d'essa lucta moral em que andava travada a sociedade. A opposição da nobreza contra as prerogativas reaes, as conspirações dos mais poderosos vassallos da coroa contra o soberano, as represalias d'este contra aquelles, manifestadas por desterros, prisões, confiscos e execuções de morte, tudo se acha retratado, como em espelho, nos bastiões, e nas grossas muralhas ameiadas da ermida de S. Braz. Os eborenses apenas encommendaram ao architecto um templo, onde fossem adorar o Deus de paz e de misericordia, e onde levassem tambem os tributos de sua devoção e gratidão ao santo martyr que lhes valêra em suas tribulações. Porém o artista, dominado pela sinistra influencia de tantos odios e malquerenças, e subjugado pela pressão moral do duello de vida ou morte, em que se combatiam os dois principios que então mais predominavam na organisação politica do paiz, traçou primeiro uma fortaleza, e no interior é que lhe deu a fórma de templo. Externamente, sem querer, sem attentar n'isso, escreveu a historia politica d'esse reinado: assim como interiormente consignaram os fieis, pela prompta satisfação do seu voto, a fé, as crenças vivas, os costumes religiosos da nação n'essa epocha a tantos respeitos memoravel.

Antes de entrarmos na egreja, deixaremos aqui memoria de uma pintura que existia outr'ora sobre a porta, e que, infelizmente, consentiram ao tempo que a desfizesse. Representava a pintura um pelicano, ferindo o peito, e alimentando os filhos com o proprio sangue. Era este o significativo emblema que el-rei D. João II, verdadeiro pae dos populares, tomára por sua empreza.

A ermida nada encerra interiormente que mereça mencionar-se. É toda azulejada, cuja obra se fez em 1575. A primeira imagem de S. Braz que se collocou no altar-mór, segundo dizem auctores antigos, era um perfeito retrato del-rei D. João II. Não referem se isto foi devido a capricho do esculptor, em prova do seu affecto ao rei popular; ou a recommendação da irmandade em signal de reconhecimento pelas esmolas com que aquelle monarcha concorreu para a fundação da ermida. Desgraçadamente, já alli não existe a referida imagem. Ignorâmos, porém, o caminho que levou, e a epocha em que foi substituida pela outra que lá se vê.

Proximo da ermida de S. Braz acha-se a estação de Evora, do caminho de ferro do sul. Notavel coincidencia esta, que assim collocou o representante por excellencia dos progressos do seculo XIX a par do monumento de um reinado, que impelliu Portugal pelo caminho da civilisação com mão tão firme e ousada, que elle tomou a dianteira a todas as nações com assombro do universo e com immensa gloria do seu nome.

E pois que a ermida de S. Braz é um dos poucos padrões que restam, e nos recordam d'esse glorioso reinado, não será digna de que a auctoridade e a camara de Evora diligenceiem restaurar, ou pelo menos salvar da ruina que o ameaça, o monumento de D. João II, de fabrica tão singular, e que tanto interessa á historia politica e artistica do paiz? A sua conservação pouca despeza demanda, e a propria restauração não imporia grande sacrificio á cidade, porque não ha alli primores de arte, nem delicadezas de cinzel para restituir á sua belleza primitiva. Confiâmos em que este nosso requerimento será deferido pela actual camara municipal de Evora, que se mostra empenhada na conservação e restauração de outros padrões de antiguidade, que nobilitam a capital do Alemtejo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ANTONIO GALVÃO DE ANDRADE

O retrato que vamos ver é o do mais destro e afamado picador do seculo XVII, auctor classico da arte de cavalgar, que publicou ao 65 annos de edade, tendo começado aos 7 a aprendel-a.

Nação tão cavalleirosa como sempre foi a portugueza, cujos esquadrões levaram tantas vezes de vencida os maiores corredores de Africa, não podia deixar de ter bons mestres da arte de cavallaria, que a ensinassem não só na prática, mas tambem na theoria, por livros e estampas.

E com effeito, muitos foram os tratados que os nossos antigos escreveram sobre a cavallaria de brida, de gineta e de estardiota. Poucos, porém, se imprimiram; e os que hoje temos d'esses tempos são: [1]

[1] Por pertencer já ao seculo passado, não incluiremos na lista a *Arte de cavallaria* de Manuel Carlos de Andrade, chamada vulgarmente de Marialva, por se attribuir ao marquez d'esse titulo, D. Pedro de Menezes.

Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella que fez El-rei D. Duarte de Portugal e Algarve e senhor de Ceuta, o qual começou em sendo infante.

Este copioso tratado conservou-se inédito por mais de quatro seculos, até que saíu conjunctamente impresso em Paris, no anno de 1842, com o *Leal Conselheiro*, obra do mesmo rei, publicada á custa do sr. conego Roquete.

Tratado da gineta, ordenado das respostas que um cavalleiro de muita experiencia deu a 24 perguntas que certo curioso lhe mandou propor. Por fr. Pedro Gallego. Ao exc. sr. D. João, II duque de Barcellos. Lisboa. 1629. in-8.

Tratado da cavallaria da gineta, com a doctrina dos melhores auctores. Dedicado ao serenissimo principe de Portugal D. Pedro nosso senhor, pelo capitão Francisco Pinto Pacheco. Lisboa. 1670. in-4.

Instrucção de cavallaria de brida, com um copioso tratado de alveitaria. Dedicado ao invicto martyr S. Jorge, tribuno da milicia romana, defensor da egreja catholica, antigo patrão de Portugal. Por Antonio Pereira Rego. Coimbra. 1679. in-4.

Arte de cavallaria de gineta e estardiota, bom primor de ferrar e alveitaria. Dividida em tres tratados que contém varios discursos e experiencias novas d'esta arte. Dedicada ao serenissimo principe de Portugal D. Pedro N. S., filho do senhor rei D. João o IV de Portugal, de gloriosa e saudosa memoria. Composta por Antonio Galvão de Andrade, fidalgo de sua casa, e seu estribeiro; commendador das commendas de Santiago d'Ore, e de Nossa Senhora da Charidade, ambas da ordem de Christo, natural de Villa Viçosa. Lisboa. 1678. in-fol.

É esta a obra que traz o retrato que hoje reproduzimos.

Na introducção d'este livro nos dá Antonio Galvão as poucas noticias que ha da sua vida. Diz elle:

«Os motivos que tive para fazer este livro foram os que se seguem:

«As cavallarias extraordinarias que obrei no casamento do senhor rei D. João o IV, que Deus haja, antes da sua feliz acclamação, das quaes se poderá seguir aos cavalleiros livrarem de muitos riscos, como n'ellas escrevo; introduzir coisas n'esta arte com que os cavalleiros livrem melhor de infortunios, que é a primeira causa a que se deve attender; e querer dar bem a entender muitas opiniões que os cavalleiros não conhecem, e assim mostrando as devem entender como as escrevo; como tambem mostrar primores na cavallaria, os quaes não vi escriptos, nem postos em pratica; e juntamente declarar o como se obram as sellas e arreios, de que resultará aos cavalleiros saberem-n'o mandar obrar melhor.

«Tenho repetido as razões que se offereceram para fazer este livro; seguem-se as de que me nasceu a confiança de o tirar a publico.

«O ser amparado de tão grande principe e cavalleiro, e da muita continuação que sempre tive no exercicio d'esta illustre arte, pois da edade de sete annos a comecei, e a exercitei até á edade de sessenta e cinco, no fim dos quaes o imprimi com a maior clareza que pude alcançar; aproveitando-me sempre das lições de meu pae e mais mestres, e de livros que vi; e principalmente da grande experiencia que tive no decurso de todos estes annos, da qual me nasceu fazer muitas outras particulares com grande vagar e sentido, não as fazendo uma só vez senão muitas; e d'ellas tirei o melhor que contém o livro; servindo sempre de estribeiro e mestre de ambas as sellas aos senhores reis e principes da real casa de Bragança, os quaes foram: el-rei D. João o IV, e os principes D. Theodosio e D. Pedro, que todos foram tão admiraveis cavalleiros como bem o souberam os a quem chegou sua fama, accrescendo muitos titulos, fidalgos e gente nobre que havia em seu serviço, aos quaes vi obrar esta arte com bom primor; havendo tambem muitas cavallariças que certo não sei encarecer a grande quantidade de cavallos que ensinei, assim na gineta como na estardiota. E considerando no pouco que os portuguezes tem escripto n'esta arte (não chamando pouco ao que esqueceram), me pareceu fazer este livro, assim para seu credito, como tambem para se aproveitarem, e as mais nações, do que elle contém».

O livro de Galvão, além da parte preceptiva, exemplificada com treze estampas, traz um extenso panegyrico do cavallo, em que o compara ao homem. Buffon, que excedeu a Plinio na eloquencia com que louvou o cavallo, diz que o domal-os foi a mais illustre conquista do homem sobre todos os animaes. Antonio Galvão, mais encarecido, emparelha o cavallo com o homem em muitas comparações, algumas das quaes tem sua graça, como se verá pelas amostras que vamos transcrever.

«Os homens ensinam-se para haverem de pelejar nas batalhas; o mesmo se faz aos cavallos.

«Se um homem é valoroso, fugindo-lhe seu inimigo, o vae seguindo; e se lhe entrou por uma porta, que depois fechou, a quer abrir com os meios de sua força para o buscar; tambem houve na cavallariça do senhor rei D. João IV, que Deus haja, um cavallo chamado o *Dispara*, que, fugindo-lhe um homem com a espada nua na mão, e entrando por uma porta, a qual fechou por dentro outro que lá estava, como se adivinhára o que o cavallo havia de fazer; o que fez foi encostar a espadoa á porta para a abrir; e vendo a não podia levar por ser uma porta forte, se voltou a ella aos coices, o que foi diante de mim e de mais pessoas, a quem adverti: vêem o que aquelle animal faz? E isto de arremetter com a espada era lição que eu lhe tinha dado entre outras muitas, que elle obrava montado e solto.

«Dois homens grandes inimigos, quando se avistam, mostram no rosto e nos movimentos o odio e a colera; assim são os cavallos; e eu conheci em Villa Viçosa dois cavallos, a que chamavam o *Olivença* e o *Doutor*, os quaes tiveram um encontro em que pelejaram; e ficaram com tão grande odio, que todas as vezes que os moços da estribeira lhes tinham mão, esperando que viessem os senhores D. Duarte e D. Alexandre, filhos segundo e terceiro do sr. D. Theodosio duque de Bragança (que andavam n'elles), estavam com grande cuidado em os terem apartados mais de trinta passos; e inda assim se estavam desafiando, tomando o folego e lançando-o, cavando e rifando algumas vezes.

«Os homens sentem muito o estarem em pé parados, e querem antes andar; os cavallos o mesmo.

«Os homens quando temem de repente, movem todo o corpo e o abatem; param e estremecem; os cavallos fazem o mesmo.

«Os homens fazem grandes fugidas por medo, sem haver razão de o terem; o mesmo fazem os cavallos, e não ha freio que os sujeite; e a mim me aconteceu estando á porta da capella (real), apparecerem os gigantes que costumam ir na procissão do Corpo de Deus, e tanto que o cavallo os viu, voltou fugindo de maneira que o não pude ter mão até passar o armazem (arsenal), e assim não voltei até não entrarem os gigantes na capella, onde costumam ir dançar.

«Os homens bem vestidos se alegram; os cavallos tambem fazem o mesmo quando tem jaezes.

«Tenho achado, que assim como ha homens pataratas, que quando saem de casa vão parecendo em seus movimentos haverem-se com grande valor, nas occasiões que a estes taes é muito ordinario o offerecerem-se, e não fazem o que davam a entender, como o cavallo Talaveira, que bem se parecia com el-

les nos movimentos que de ordinario andava fazendo, por morder, dar coices, e por brigar com os outros; o qual se largou a um cavallo bem pequeno no campo de Escaroupim, que o venceu, não obstante lhe faltarem as armas, que era a ferragem que não tinha, e sendo muito menor em corpo, tinha as forças que mais conserva o mau trato do campo que o regalo das cavallariças.

«Os homens em ouvindo instrumentos se alegram e animam; os cavallos fazem o mesmo, como foi um cavallo murzello de D. Miguel de Menezes, duque de Caminha, que estando no campo de Ceuta, ouviu tanger uma charamella, e gostou tanto de a ouvir que se foi chegando a ella até pôr o ouvido na boca da charamella, como o refere Madeira no cap. *do engenho e habilidade do cavallo*, allegando com o mesmo duque e mais pessoas que o viram. E eu vi muitas vezes em Villa Viçosa a um escravo chamado Olima, destro em tanger instrumentos, o qual punha os papeis de musica entre os cavallos, aonde tangia, e em quanto obrava isto, estavam com as caras levantadas das mangedouras, e quietos, que bem mostravam gostarem de ouvir tanger, particularmente os que mais perto lhe ficavam.

«Os homens que não vêem, levantam muito os pés para não tropeçarem e caírem; temem muito os ruidos que ouvem, precatam-se de que lhes toquem, e ás vezes se defendem dando com os bordões. Assim são os cavallos com os antolhos, levantam muito os braços, temem os ruidos que ouvem, e desejam fugir



Antonio Galvão de Andrade

d'elles; atiram pernadas e coices a quem lhes toca nas cadeiras; e assim como os cegos, advertindo-os, levantam os pés do chão, o fazem os cavallos, porque dizendo-lhes os lacaios *alça*, o fazem bem, levantando muito as mãos.

Dois homens que continuaram amizade muito tempo, mostram grande sentimento quando se apartam; assim o fazem os cavallos quando estão dois sós em uma estrebaria muito tempo, e quando se tira um, e não torna para a companhia do que fica, este mostra grandes saudades, no pouco comer e nos movimentos que faz.

«Os homens em passando de quarenta annos, principalmente os que não trabalham, engrossam muito, os cavallos, passando de sete, fazem o mesmo.

«Ha homens que fazem mal officios vís; assim houve cavallos invenciveis em servirem de carga, e havia n'esta cidade de Lisboa um cavallo de um homem a quem chamavam Matheus do Couto, que querendo um dia pôr-lhe uma carga, a não quiz consentir, e pondo-lhe a sella, levou metade da carga atravessada n'ella a uma quinta; e me disseram isto dois homens de muito credito».

E, como estes, traz o auctor outros similes que fazem lembrar o que Feijoo diz no *discurso da racionalidad de los brutos*, onde aponta opiniões de que ha muitos que discorrem melhor que alguns homens.

A. da Silva Tullio.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 178)

XV

«O meu dono (quinto, segundo vê; eu se não fosse tão modesta dizia-lhe que pozesse no titulo, em vez de *Memorias de uma bolsa verde*, a *Odysséa de uma bolsa verde*) o meu novo dono era um usurario amador. Magro, com umas pernas que se cançavam antes de chegar aos pés, a tez biliosa, o nariz adunco e cavalgado por uns oculos, era perfeitamente o typo que Shakspeare (que foi meu visinho) attribue á sexta edade do homem, na celebre comedia intitulada, *As you like it*, titulo que o leitor póde traduzir *como quizer*. Observando rigorosamente as regras da economia, não comprando senão o que lhe era restrictamente necessario, e assim mesmo inventando para seu uso proprio um *necessario* especial, as riquezas que obtinha, moeda de cobre a moeda de cobre, serviam-lhe unicamente para as ter enterradas n'uma burra, collocada no seu quarto.

«N'esse ponto tinha elle uma certa *coquetterie*. As libras doiradas, em que transformava os patacos dos desgraçados, encerrava-as dentro de uma infinidade de bolsas elegantes e ricas até, que estavam dispostas symetricamente por fileiras, no fundo do seu *coffre-fort*. Todas as noites, antes de se ir deitar, abria-o, descerrava as bolsas, e fazia cair sobre o solo uma

chuva de oiro. Alli, Danae de si mesmo, estirava-se elle, enchendo as mãos de punhados de libras, e fazendo-as cair no monte a pouco e pouco, enterrando os dedos n'aquella eira monetaria, revolvendo-a, fazendo-a rolar, apanhando-a espiga a espiga, juntando-a, contando-a de novo, enchendo as bolsas, e tornando-as a collocar dentro da burra. Tudo isto elle fazia com uma delicia, com uma sofreguidão taes, que não trocaria de certo este prazer pelo melhor divertimento do mundo.

«Quando eu cheguei á porta já elle estava á nossa espera. Ajudou a descarregar o frete, procurou os livros, determinou que os vendessem immediatamente, e deu um grito de sopreza quando eu appareci.

«Era uma bolsa que o acaso lhe dera para juntar á sua collecção. Bem sei que eu estava um tanto rota, um pouco esfarrapada, e que os rasgões me adornavam, apesar de eu ser ainda bem nova. Mas as cicatrizes, n'um rosto imberbe, dão a esse rosto a magestade da velhice, e eu, considerada debaixo d'esse ponto de vista, estava magestosa a mais não ser. De mais a mais, nos emprestimos que o usurario fizera ao litterato, os juros tinham absorvido o capital, havia já tanto tempo, que se podia dizer que toda a mobilia do meu ex-possuidor vinha a sair de graça ao honesto agiota. E n'esse caso que importava que eu estivesse rasgada? «A bolsa dada não se olha á seda».

«Por conseguinte o bom do velhote magrito, assim que me viu, fez-me mil caricias, e, depois de ficar só, foi a uma gavetinha, não sem olhar primeiro para todos os lados a fim de se assegurar se alguem o espreitava, tirou de dentro um cartuxo de libras, despejou-o dentro de mim, prestando um ouvido encantado ao som metallico do dinheiro, e, levando-me com toda a cautela bem apertada na mão, dirigiu-se pé ante pé para o seu quarto, abriu a burra que estava ao pé da cama, e depois de contemplar por um instante as bolsas, amontoadas umas em cima das outras, deixou-me cair com um suspiro de satisfação, e fechou o cofre.

«Eu ao principio fiquei completamente atordoada. Esta passagem repentina da luz para as trevas, do ar livre para um carcere estreito, produziu em mim uma impressão terrivel. Comtudo a pouco e pouco fui-me costumando e resignando. Comecei a distinguir alguns objectos n'aquella escuridão. Os perfis vagos de umas coisas informes, que eu percebia estarem junto de mim, foram a pouco e pouco fixando os seus contornos, e no fim de um quarto de hora comprehendi que estava rodeiada de uma chusma de minhas irmãs.

«Agora percebo eu que fui pouco habil na narração. Pois não o devia ser; porque na estante do litterato conversára muitas vezes com uma collecção da *Presse* e do *Constitutionnel;* e os folhetins romances d'estes jornaes tinham-me ensinado todos os estratagemas, com que se tem suspensa a curiosidade do leitor, incitando-o, aguilhoando-o com a espora do mysterio, de fórma que elle percorra a narração, como um cavallo desenfreado percorre a planicie, sem se importar com as bellezas dos accessorios, e desejando só chegar ao fim, que é para o cavallo o precipicio em que se despenha, para o leitor a peripécia ultima, que se póde compor, á vontade do romancista, ou de trinta punhaladas, ou de vinte casamentos.

«Apesar d'essas lições, vê-se que eu ainda estou muito inexperiente, e que se os meus companheiros de estante chegarem a conversar alguma vez com esse papel, que o meu amigo transformou em confidente das minhas tribulações, hão de se envergonhar da má discipula que tiveram.

«Com effeito, para que fui eu dizer tolamente ao leitor que o usurario se debruçára a contemplar as bolsas? Privei-me assim de umas poucas de phrases interrogativas, que produziriam uma optima impressão! «O que seriam esses objectos informes immoveis no fundo da caixa? Que mysterio se occultaria n'aquellas tenebrosas profundezas»? Etc. etc. Ora vejam o que eu perdi.

«Em fim o mal está feito, e não tenho remedio senão continuar a narração, prescindindo d'esses auxiliares de que me lembrei tão tarde.

«Um murmurio confuso se elevou assim que eu cheguei. Na existencia monotona dos presos é sempre um acontecimento importante a chegada de um estranho. A curiosidade, irritada por uma longa abstinencia, procura saciar-se com frenesi assim que se lhe offerece occasião para isso. Era destino meu concorrer para matar a fome, umas vezes de pão, quando eram humanos os que soffriam, outras vezes de curiosidade quando eram bolsas.

«Por isso, apenas trocámos os primeiros comprimentos, logo caiu sobre mim a chuva de perguntas. Quem era eu? d'onde vinha? como fôra alli parar? De todos os cantos do bahú saia uma interrogação; todas as bolsas olhavam para mim, as mais distantes punham-se nos bicos dos pés, para me verem melhor, depois cochichavam entre si; as novas faziam observações zombeteiras ácerca das minhas feições, e, comparando-as com as suas, concluiam que eu nunca lhes poderia disputar o pomo da belleza; as que estavam intactas achavam-me horrenda por causa dos meus rasgões; as que estavam mais rasgadas do que eu, achavam que me ficava pessimamente o estar pouco dilacerada; as velhas só olhavam para mim com complacencia, lembravam-se do seu tempo, suspiravam, e chamavam-me «filha».

«Depois de satisfazer, o melhor que pude, a curiosidade geral, chegou a minha vez. Não foi necessario que eu rogasse muito, para ser informada da vida das minhas companheiras, não foi preciso até que eu dissesse uma só palavra a esse respeito. Se de alguma coisa me pude queixar, foi da pressa que ellas tinham de me contar a sua historia, o que fazia com que fallassem todas ao mesmo tempo, havendo na caixa uma balburdia incomprehensivel. Dir-se-hia que era alli a base da torre de Babel!

«Ai! meu amigo, que horrendas coisas eu vim a saber. Que de crimes estavam alli escondidos, d'estes que escapam á justiça dos homens, mas sobre os quaes estão abertos os olhos vigilantes da Providencia! Cada moeda de oiro accumulada n'aquelle cofre, representava uma enorme somma de soffrimentos. Aqui uma viuva, reduzida á miseria! mais adiante uma donzella, pura como os anjos, lançada no abysmo da devassidão! Acolá um orphão defraudado da herança paternal. Sommas consideraveis representavam vidas e vidas de torturas incriveis, soffridas pelos vossos pobres irmãos, cujo rosto o acaso do clima revestiu com um manto luctuoso! Que horrores jaziam alli escondidos! Que de trevas entravam na composição do fulgor d'aquelle oiro.

«Era já noite. Sentimos uma chave ranger na fechadura; tudo entrou no silencio.

«Abriu-se o cofre, e appareceu-nos o rosto livido, e a extensa figura do usurario. Estava de barrete de dormir, e de roupão. Trazia um castiçal.

«Collocou-o em cima da mesa da cabeceira, sentou-se no chão, despejou-nos uma a uma, e começou a revolver a massa brilhante do oiro.

—«Saltem, saltem, minhas meninas, dizia elle em voz baixa e roufenha, saltem que bem me custam a ganhar. Não as crimino por isso; pelo contrario. Que prazer ha ahi que se compare com o que eu experimento n'este instante. Como tudo isto deslumbra! Tenho aqui o sufficiente para comprar Portugal todo, incluindo as consciencias dos seus habitantes. Para quê! Puf! Que me importa a mim com essa canalha, que me chama usurario, e que me vem lamber

os pés. Prazer, ineffavel prazer é este que vós me daes. Saltem, saltem, minhas meninas!

«E sorria-se com um sorriso de hyena, o miseravel!

«Finalmente cançou-se, tornou-nos a encher com toda a paciencia, fechou o cofre, e foi-se deitar.

«Caíu tudo em silencio de novo.

«Deu meia noite!

«As pancadas do relogio resoaram lenta e lugubremente na solidão do quarto.

«E eu senti um frio terror percorrer-me o corpo; porque um vago e convulso estremecimento agitára no meu seio as libras silenciosas.

«E o cofre abriu-se como se mão invisivel o tocasse, e um vulto melancholico e severo, com azas negras nos hombros, appareceu em pé junto de nós.

«Era o anjo do remorso! Que magestade n'aquella fronte sombria, que pungente contracção no seu labio severo!

«E elle estendeu a mão com um gesto imperioso, e eu, gelada de susto, senti as peças de oiro moverem-se por si mesmas, e adquirirem como que umas azas pequeninas.

«Um vago e sinistro suor lhes percorreu a fronte, e esse suor era um suor de lagrimas!

«E todas se ergueram; o enxame das sinistras abelhas saiu em bando da tenebrosa colmeia, e a bulha das suas azas metallicas produzia não sei que lugubre som!

«E, ao mando do anjo do remorso, foram todas pairar sobre o leito do avaro.

«Então vi um terrivel espectaculo: de cada uma d'essas peças de oiro começaram a escorrer lagrimas e sangue, que iam cair gota a gota na livida fronte do usurario.

«E elle agitava-se na cama, erguia as mãos supplicantes, procurava limpar a fronte, debalde! porque a horrenda chuva caia incessante, incessante, e alastrava em nodoa immensa, que parecia o funebre sêllo da reprovação de Deus.

«E das peças de oiro saía um concerto dilacerante! concerto composto de gritos, de soluços, de blasphemias, e de imprecações!

«Depois, a um signal do anjo, as moedas desappareceram e transformaram-se em espectros, que vieram doidejar em torno do leito do meu dono.

«E a punição ainda era mais cruel!

«Uma tomára as fórmas de uma mulher, joven, bella, um anjo em fim, mas um anjo caido!

«E approximou-se do usurario, e disse-lhe com voz rouca:

—«Era virgem, estava só! Protegia-me a dupla auréola da innocencia e da orphandade! Tu vieste, especulador infame, arrojaste-me a um abysmo, e manchaste de lodo a minha candida tunica.

«E outra mudava-se n'um pobre velho, de cabellos brancos, que arrastava uma grilheta presa no pé:

—«Eu era o symbolo da honra; mas tinha filhos! Reduziste-me á miseria, e eu roubei!

«E todos os espectros bradavam com voz pavorosa:

—«Sê maldito!

«Era horrivel, horrivel aquella scena!

«E durou até que os primeiros e tenues clarões da madrugada entrassem timidamente pela janella do quarto.

«Com o primeiro raio da aurora, vi apparecer no quarto um anjo de brancas azas, com a face luminosa banhada em pranto.

«Veiu e ajoelhou aos pés do seu terrivel irmão.

—«Ainda não está satisfeita a tua vingança? — bradou elle com uma voz melodiosa, de que é apenas um frouxo echo o plangente suspiro da harpa éolia.

«Era o anjo da guarda do usurario, que o tinha abandonado, chamado pelo Senhor, mas que attrahido pelo invencivel amor, que nos consagram estes celestes protectores, vinha na hora do supplicio invocar, para o seu protegido, a misericordia!

«E o anjo do remorso, vencido pelas preces do seu candido companheiro, fez um signal, e o tumultuoso enxame entrou no cofre, que se tornou a fechar.

«Um vago bater de azas denunciou-me que os dois anjos tinham voltado ao ceo levados pelo primeiro raio do sol da manhã.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

A SCIENCIA NA EDADE MÉDIA

E AS ENCYCLOPEDIAS D'ESSE TEMPO

(Vid. pag. 179)

V

A sciencia assume em Roger Bacon, como em S. Alberto o Magno, um caracter encyclopedico. As especulações theologicas, em cujo terreno sempre espinhoso era tão difficil exercitarem-se engenhos privilegiados, sem raiarem com as suas innovações os limites da heresia ou da suspeita de heterodoxos, a philosophia em toda a sua vasta comprehensão, a astrologia e a alchimia, estas duas sciencias, por assim dizer, sobrenaturaes, que estabelecem a transição entre o espirito discreto que se contém nas justas especulações da natureza, e o espirito morbido que procura dominar, pelas sciencias occultas, as immutaveis leis do universo material, prefaziam o cyclo das idéas na meia edade. O *Opus majus* (a grande obra) de Roger Bacon tem um verdadeiro cunho encyclopedico. Provinha este de duas origens distinctas, mas conformes; uma peculiar á indole da intelligencia, a outra occasional. A primeira, sem dúvida, era a tendencia puramente natural dos grandes espiritos a comprehenderem a idéa nas suas multiplices manifestações, e a representarem pela synthese a unidade do universo no meio da sua apparente diversidade e das suas infinitas variações. É a mesma lei que domina a sciencia em todos os periodos da sua primeira incubação, quando o livro da natureza, apenas decifrado em algumas das suas paginas, não impõe ás mais robustas intelligencias a divisão do trabalho e das sciencias, como uma condição essencial da sua cultura e do seu progressivo adiantamento. A segunda razão era toda de auctoridade e de imitação do grande mestre, cujas sentenças dominavam a eschola durante a edade média. Aristoteles fôra na antiguidade o espirito mais eminentemente encyclopedico. A sciencia inteira o tivera por legislador. Fizera elle para a sciencia o que mais tarde para o direito romano praticaram os seus codificadores. Aristoteles formulou como o entendeu o codigo da sciencia sob os seus tres aspectos fundamentaes — o bom, o verdadeiro, o bello; e, desde que as suas obras se vulgarisaram na Europa, bracejando a custo nas trevas de um longo eclipse intellectual, o nome do velho peripatetico foi a expressão das ultimas conquistas do espirito na philosophia, na esthetica e nas sciencias naturaes. Os seus livros foram o texto em que se exercia a meditação. Elles eram como que o transumpto do universo e a photographia da creação. Assim como hoje a sciencia procede pela investigação experimental e pela generalisação do raciocinio, na edade média raras vezes os sabios se preoccupavam com o estudo immediato da natureza. A dialectica era o instrumento poderosissimo com que entendiam supprir a experiencia, tão fecunda nos modernos tempos, e com ella buscavam desentranhar do repositorio de Aristoteles tudo o que alli não estivesse explicitamente manifesto.

Comprehende-se, pois, como os grandes homens da meia edade, christãos e musulmanos, os Albertos e os Bacons, os Avicenas e os Averroes, aspirariam, nos

seus estudos e escriptos, á sciencia universal; com a differença, porém, de que os sabedores da christandade faziam da philosophia peripatetica o portico magestoso por onde o escholar havia de entrar para a comprehensão das coisas divinas, em quanto os arabes davam toda a sciencia aristotelica por cortejo á medicina.

As obras encyclopedicas principiaram a apparecer no seculo XIII, resumindo e compendiando o que até então a sciencia houvera podido investigar de verdadeiro, o que os raciocinios viciosos e os imperfeitos methodos experimentaes haviam feito acceitar como theoremas demonstrados, ou o que a tyrannia da auctoridade aristotelica impunha á respeitosa credulidade dos seus adeptos.

Estes resumos de toda a sciencia contemporanea tinham, n'aquelles tempos de difficil e dispendiosa publicidade, muito mais razão de ser do que as encyclopedias actuaes. A sciencia era, além d'isso, mais comprehensivel em codices de mediano volume, pela menor abundancia dos factos e das theorias. As obras especiaes dos grandes mestres e doutores só podiam enriquecer as livrarias privilegiadas, e a sua luz raro se diffundia pelas classes menos letradas, ou transpunha os limites das universidades e dos institutos monachaes.

No seculo XIII, porém, começava uma epocha brilhante de renovação intellectual. O seculo XIII podia dizer-se o precursor do seculo XVI, assim como este foi, pela actividade intellectual dos mais illustres pensadores, pelo renascimento dos bons estudos classicos, pelo esplendor das artes, pela investigação da natureza, e pelas emprezas maritimas das nações modernas, a miniatura prophetica d'esta nossa grande e bella epocha, em que o entendimento e a acção da humanidade se tem aventurado ás maiores conquistas industriaes e scientificas.

O livre exame, já preconisado pelos pensadores da eschola de Abeylard, tentava rasgar os seus vôos mais audazes. Os estudos multiplicavam-se pelas cidades mais notaveis da Europa christã. A sciencia, clausurada como o espirito no recinto dos cenobios, tendia a emancipar-se da cogula, e a fazer-se mundana e cidadã. Os principes e os senhores começavam a olhar com menor desdem os nobilissimos trabalhos do entendimento, e a fomentar a cultura das letras e das sciencias. As linguagens barbaras, saídas da progressiva decadencia e corrupção da latinidade, iam recebendo da musa dos trovadores maior luzimento e urbanidade. Era a quadra em que n'este nosso estreito cantinho da peninsula se implantava o ensino regular das sciencias e das letras, com a fundação dos estudos geraes de Lisboa, sob o patrocinio de D. Diniz, o rei trovador, e em que a lingua latina se despedia dos seus fóros de idioma official, para ceder o passo a um outro, até então julgado ignobil, e apenas proprio para a expressão singela e rude do pensamento popular.

O seculo XIII póde sem exaggeração dizer-se que é o primeiro seculo da moderna civilisação. É d'elle que descendem as instituições, as idéas e as agitações intellectuaes politicas, que mais claramente se formularam no seculo XVI. No seculo XIII tomou vulto a maior heresia que haja affligido a egreja christã durante a meia edade. Nascida no seculo precedente a seita dos *bons-homens*, dos *catharos* ou *albigenses*, é no seculo XIII que ella aspira a reformar a egreja, e impor os seus dogmas e a sua instituição. A primeira grande lucta religiosa ensanguenta n'aquelle seculo o meio-dia da França, assim como mais tarde, no seculo XVI, a heresia de Luthero, e as que d'ella procederam, accendem uma geral conflagração na Europa septentrional. No seculo XIII, para reprimir a insurreição do pensamento livre, manifestado sob a fórma de heresia, nascem as duas grandes milicias espirituaes e mendicantes, fundadas por S. Francisco de Assiz e por S. Domingos de Gusmão, e a inquisição exemplifica pela primeira vez a doutrina da auctoridade a refutar pelo terror a heterodoxia dos hereticos. No seculo XVI a companhia de Jesus e a inquisição moderna copiam, alterando-o para melhor, o modelo do antigo tribunal, e os institutos mendicantes, decaídos então da sua primitiva energia juvenil.

O seculo XIII presenceia, como o XVI, a lucta do pontificado e do imperio, com a differença, porém, que no primeiro o gladio espiritual do successor de S. Pedro quebra muitas vezes a espada guerreira dos imperadores, em quanto que no segundo a christandade contempla o seu pastor supremo, feito prisioneiro dos soldados hereticos de Carlos V, o catholico imperador.

O seculo XIII é o seculo de Dante, d'este sombrio propheta, d'este cantor austero, que resume o mais elevado pensamento religioso, politico e social da poesia contemporanea. O seculo XVI é tambem um seculo de epopéa christã, nos cantos inspirados do Tasso e do Camões. É no seculo XIII que a prosa começa a florescer nos idiomas neo-latinos, e que os escriptos de Joinville e de Boccaccio soltam das fachas infantis as duas irmãs d'aquem e além dos Alpes. É no seculo XVI que se completa e aperfeiçoa o movimento litterario que restitue á Europa culta em toda a sua correcção e belleza primitiva, os monumentos intellectuaes da classica antiguidade.

É o seculo XIII um seculo de vasta elaboração politica. É o seculo XVI um tempo de profundas alterações na constituição social da Europa.

É n'aquelle seculo, pois, illuminado por tão subtís e peregrinos entendimentos, quaes foram os de Alberto Magno, de Roger Bacon, de S. Thomaz d'Aquino, de Alexandre de Halles, é n'aquelle seculo em que principia a manifestar-se o pensamento collectivo da humanidade christã, que os meios expeditos para a vulgarisação das sciencias e das letras mais se começam a apreciar.

As encyclopedias apparecem por estes tempos. Entre as do seculo XIII podêmos citar como as primeiras o livro *De rerum natura* (da natureza das coisas), de Thomaz de Cambridge, professor na celebre universidade de Louvain, e o *Speculum majus* (espelho maior), composto em 1250 por Vicente de Beauvais, para uso do rei de França S. Luiz, e de sua mulher Margarida de Provença.

Foi este livro o que mais alta reputação adquiriu como summa e miscellanea de tudo quanto de mais notavel se encontrava, ao juizo do collector, nas obras de erudição sacra e profana. Vicente de Beauvais pertencia áquelle nascente mas já poderoso instituto religioso, que se honrava de ter dado o seu berço espiritual a tão eminentes doutores, como foram Alberto Magno e S. Thomaz. O officio de preceptor dos principes francezes, facultou-lhe amplissimos recursos para adquirir copiosa erudição, e compulsar os codices mais raros ou mais custosos de alcançar. O favor das côrtes, que muitos dispendem em animar estereis vaidades proprias, aproveitava-o o paciente dominicano em facilitar a vasta encyclopedia, com que por ventura na estreiteza da sua cella sonharia conquistar a mais remota posteridade. O *speculum majus*, que, segundo o nome o denuncia, era destinado a reflectir e espelhar em imagem breve, mas perfeita, tudo o que n'aquelle tempo se sabia, divide-se em quatro espelhos parciaes, o *speculum naturale*, o *speculum doctrinale*, o *speculum morale*, e o *speculum historiale*. As sciencias da natureza, como as podia comprehender e ensinar um dominicano do seculo XIII, escudado nas auctoridades veneradas como oraculos n'aquella edade, é o *speculum naturale* particularmente consagrado.

(Continúa) J. M. LATINO COELHO.